

## Interfaces da Violência Televisiva no Processo de Socialização da Criança: Agressividade

### Interfaces of Television Violence in the Process of Child's Sociability : Aggressiveness

*Marilene Andrade Ferreira Borges \**

**Resumo:** Este estudo possibilita reflexões sobre o papel da violência propagada na televisão e sua influência nos desenvolvimentos sócio-emocional e cognitivo das crianças. Procura associar o “ambiente televisivo” a comportamentos agressivos. Alerta pais e educadores sobre o fascínio/sedução que a televisão exerce sobre as crianças – imitação, identificação e ou compensação. Aponta a necessidade de amplas discussões envolvendo as crianças e a mídia e a adoção de medidas para protegê-las da exposição da violência pela televisão.

**Palavras-chave:** Televisão, violência, criança, educação

**Abstract:** This study enables reflections about the role of violence on television and its influence on children's socio-emotional and cognitive development. It tries to associate the “television environment” to the aggressive behaviour. It also alerts parents and educators about the fascination/seduction of television over the children – imitation, identification and or compensation. It points out the necessity of broad discussions involving the children and the media and the adoption of measures to protect them from the exposition to television violence.

**Key words:** Television, violence, child, education

Os brasileiros hoje são considerados muito mais bem servidos em matéria de telefone, eletricidade, coleta de lixo, distribuição de água e rede de esgoto do que há dez anos atrás. Eletrodomésticos como geladeira e rádio fazem parte de 87% dos lares brasileiros. Ocupando a primeira posição no *ranking* entre os bens duráveis está a televisão, com a significativa presença em 89,9% dos lares brasileiros. Ela também foi protagonista com o recorde de 15,9% na preferência dos brasileiros na hora da aquisição dos eletrodomésticos, nos últimos dez anos.(VEJA, out.2003).

---

\* Professora da Universidade Federal do Tocantins — UFT; Mestre em Educação; *e-mail:* [marilene@uft.edu.br](mailto:marilene@uft.edu.br)

Se considerarmos a presença da televisão como o eletrodoméstico mais popular, presente em quase 90% das residências brasileiras, associada à significativa presença da mulher/mãe no mercado de trabalho e à falta de creches e ou pré-escolas no país, podemos deduzir que a grande maioria das crianças brasileiras passou a conviver com ela diariamente. A televisão passou, então, a ocupar a maior parte do tempo das crianças.

Um estudo publicado pela UNESCO no Brasil, em 2000, relata o resultado de uma pesquisa, entre os anos de 1996 e 1997, realizada pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro e pela Universidade Utrecht, sob a supervisão do prof Dr. Jô Groebel, com a participação de mais de 5 mil alunos, com idade de 12 anos, em 23 países de diferentes partes do mundo, incluindo o Brasil. Constatou-se que 93% dessas crianças, que vivem em lugares com energia, têm acesso à televisão, e para as crianças em idade escolar, ela se constitui numa fonte importante de informação e entretenimento, pois elas passam, em média, 3 horas diárias em frente à televisão (Groebel, 2000). Um estudo recente feito pela Fundação Familiar Henry J. Kaiser nos EUA, mostrou que 59% das crianças americanas, de 6 meses a 2 anos, vêem televisão 2 horas por dia (VEJA, nov. 2003).

Segundo Ferrés (1996), a televisão, de alguma forma, acaba substituindo em parte a função materna. Ocupa um lugar de destaque dentro do lar. É ponto de referência obrigatória na organização do tempo (horário de deitar, de tomar banho...), do espaço (sala de tv ou quarto das crianças), da vida da família. Alimenta o imaginário infantil com todo tipo de fantasia e contos. E, nos momentos de frustração, angústia e tristeza, é buscada como refúgio.

Se a televisão faz parte do ambiente da grande maioria das crianças — entendendo por ambiente o contexto sócio-cultural no qual a criança vive e nas relações que ela estabelece com ele — entende-se que esse mesmo ambiente influencia diretamente nas diferentes fases de seu desenvolvimento. Ao valorizar essa relação, dá-se importância à interação que é estabelecida entre eles, nessa perspectiva a criança vai ampliando seu contato com o mundo e, ao conseguir estabelecer novas interações, ela vai adquirindo novos conhecimentos (Vygotsk em Vanderveer & Valsiner, 1994). Podemos considerar, então, que a presença da televisão influencia no processo de socialização das crianças, como aponta Carneiro (2003), “a televisão assumiu um papel preponderante na socialização da criança e do adolescente brasileiros” (p.13), assim também, ela é apontada por Groebel

(2000) como “um fator de socialização importante e domina a vida das crianças nas áreas urbanas e rurais com energia elétrica em todo o mundo” (p.219). De acordo com Jempson, M (1998) “as crianças constituem um público de TV cativo e impressionável. Elas são fascinadas pela televisão que lhes conta histórias e lhes oferece imagens excitantes de mundos que de outra forma jamais veriam” (p.120).

Diante dessa realidade social, algumas questões são pertinentes: Existe uma relação entre a violência propagada pela televisão e o comportamento agressivo entre as crianças? A criança é capaz de construir algum mecanismo de compensação para não interiorizar a violência da televisão? Há diferenças culturais e de sexos no impacto da televisão sobre a agressão? Poderia a televisão estabelecer padrões de comportamento entre as crianças? Que tipos de intervenções poderiam ajudar a diminuir a influência da violência na televisão? Esses são alguns questionamentos que são feitos sobre o uso da televisão, enquanto meio de comunicação de massa com a maior expansão, nas últimas décadas.

O principal objetivo deste artigo é possibilitar uma reflexão sobre o papel da violência propagada na televisão nos desenvolvimentos sócio-emocional e cognitivo da criança, bem como associar o “ambiente televisivo” ao seu comportamento agressivo.

Se considerarmos que o ambiente é formado por tudo que cerca a criança, é preciso considerar, hoje, a presença dos meios de comunicação de massa, de modo particular, nas cidades, a televisão; pois ela utiliza um tipo de linguagem que, segundo Ferrés (1996), é “uma forma de expressão que mobiliza a sensibilidade, a intuição, as emoções” e que as “emoções provocadas pela interação dos elementos visuais e sonoros são portadoras de idéias” (p.15).

### **Televisão: sedução e violência**

O debate sobre a violência na televisão tem ocupado considerável espaço na mídia. Muito se tem discutido sobre qualidade de programas, índices de audiência, censura, autonomia, regulação da TV, auto-regulação e assim por diante. As opiniões se divergem e vão desde aqueles que consideram a televisão como um “espelho da realidade social” até os que afirmam que as crianças e os jovens são os mais atingidos pelos efeitos devastadores da violência na tela (Merlo-Flores, 2000).

Como as crianças são consumidores potenciais da programação televisiva e de suas propagandas, há que se ter uma preocupação a mais com os produtos que elas estão consumindo, pois de acordo com Jempson, M (1998), as crianças, em termos comerciais, são vistas como aliadas poderosas do anunciante. Ele cita que uma criança nascida em meio social desfavorecido, brutalizada pelos pais, provavelmente perceberá os apelos da mídia de uma forma diferente daquela que recebe atenção em casa, sente-se valorizada na escola e em sua comunidade. E que, de uma forma inevitável, as imagens de sucesso, os anúncios sedutores de carros velozes, de roupas caras e de outros bens de consumo, assim como programas que parecem exaltar a violência, inspirarão os que não têm como encontrar formas de conseguir aquilo que para outros parece ser dado como certo. Mais tarde, quando essas crianças utilizam meios ilícitos para conseguirem os bens que desejam, são transformadas em demônios, pela mesma mídia de massa que as expôs.

Mesmo a criança mais bem ajustada pode ser confundida pelas mensagens conflitantes da mídia de massa, especialmente se seu modo de vida e experiência nunca se refletem naquilo que ela vê, ouve ou lê (Jempson, M, 1998, p.122).

Feilitzen (2000), em seus estudos, atribui aos EUA a propagação da maior parte da violência na mídia no mundo, incluindo filmes de vídeo e cinema, revistas em quadrinhos, jogos eletrônicos, etc. Groebel (2000) cita alguns personagens violentos de filmes norte-americanos como, por exemplo: Exterminador do Futuro e Rambo, dizendo que esses filmes são admirados por 90% das crianças de 12 anos que vêem televisão em todo o mundo. A televisão que os norte-americanos assistem é muito violenta e, cada vez mais, seus programas são vistos em todo o mundo, por causa dos conglomerados do setor ou multinacionais que vão dominando o mercado das telecomunicações. Isso significa que a violência tem um forte valor comercial, um mercado que pode estar ampliando cada vez mais suas fronteiras num processo simultâneo de disseminação da violência e homogeneização das culturas.

Jempson, M (1998) alerta para o fato de que, em quase todos os lugares do mundo, os desenhos animados são a principal atração da programação infantil. São programas que, em sua grande maioria, utilizam representações simplistas do bem e do mal. Como eles são “divertidos” e muitos podem ser adquiridos por baixos preços, as pessoas, em sua grande maioria, não analisam suas mensagens sobre violência ou sobre o marketing de produtos relacionados. O custo, a longo prazo, da importação de diferentes padrões culturais, morais e sociais pode ser alto.

Mas será que a violência na televisão exerce o mesmo fascínio tanto nos meninos quanto nas meninas? Os estudos de Eron (1980 apud Evra, 1990) apontam a susceptibilidade para o início de comportamentos violentos por volta dos 3 (três) anos de idade, tanto para os meninos como para as meninas. Porém, por volta dos 8 (oito) anos, as meninas aprendem outros comportamentos, desenvolvem outros interesses e parecem ser menos afetadas pela violência. As pesquisas de Van der Voort (1986) relatam que, embora as frequências de telespectadores sejam iguais para meninos e meninas, eles preferem programas violentos e elas não. Winick e Winick (1979) consideraram o período de idade de 10 a 12 anos como sendo um tempo crítico. No entanto, Van der Voort (op.cit) relata que, por volta dos 10 a 12 anos de idade, as crianças já vêm televisão com um conjunto, isto é, como um produto de suas experiências passadas.

Nos estudos de Potts et al (1986), o ambiente exerce significativa influência nos jogos sociais dos meninos. Os brinquedos agressivos, presentes no ambiente, provocaram mais comportamentos generalizados de agressão, que eram externados em agressão verbal e agressão física nos jogos dos meninos. O comportamento agressivo é ativado pelos brinquedos mais do que diretamente imitado da televisão.

### **Violência na TV: imitação, identificação e/ ou compensação?**

Segundo Vygostky, em análise de Vanderveer & Valsiner (1994), num dado momento histórico, um mesmo acontecimento pode exercer diferentes influências dependendo da idade cronológica da criança. Cada uma percebe, ou melhor, interage com a situação dependendo da sua experiência emocional [perezhivanie]. Quando o autor fala de experiência emocional, ele se refere a uma unidade indivisível das características pessoais e situacionais de cada pessoa, e que, frente a uma mesma situação, podem reagir de modos diferentes. De acordo com o nível de consciência que cada criança tem, os acontecimentos podem ter significados diferentes, o que nos leva a pensar que elas interpretam as cenas de violência veiculadas pela televisão a partir de suas experiências emocionais. O que pode ser significativo para uma, pode não ser para outra, e que esse nível de consciência estaria ligado ao seu desenvolvimento sócio-emocional. Para Vygotsky, na dimensão sócio-histórica a criança é considerada como pertencente a uma sociedade, a um grupo social, a uma cultura, pois

as funções psicológicas superiores das crianças são atributos específicos da espécie humana, manifestando-se originalmente como uma forma de comportamento coletivo,

uma forma de cooperação com outras pessoas e, somente depois, é que se transformam em uma função individual interna da própria criança (Vanderveer & Valsiner, 1994, p. 353).

Análises feitas por Freitas (1994) das idéias de Vygotsky, citam que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores da criança se dá a partir do seu grupo social e das interações que estabelecem com ele, do seu ambiente do plano social (processo interpsicológico) para o plano individual (processo intrapsicológico). Ela vai construindo sucessivas “zonas de desenvolvimento proximal” o que lhe permite o aprimoramento de seus conceitos. A criança parte dos conceitos formados pelas suas experiências no cotidiano, no contato com as pessoas do seu meio, de sua cultura, em confronto com situação concreta – “conceitos espontâneos”, para aqueles conceitos que exigem uma vigorosa atividade mental – “conceitos científicos”. Considera-se que, utilizando a imitação na perspectiva da “zona de desenvolvimento proximal”, a criança seja capaz de fazer muitas coisas, de imitar variedades de ações que vão além dos limites de suas capacidades. É preciso então pensar as seqüências e conseqüências da imitação das cenas, personagens e atores da televisão, pois como alerta Merlo-Flores (2000), “todas as crianças com algum tipo de conflito na família se identificam com personagens da televisão” (p. 205).

Todos já presenciamos inúmeras cenas de crianças imitando personagens ou artistas da televisão. Falta-nos discernir se elas simplesmente imitam numa ação instantânea, sem pensar ou se elas buscam essa imitação porque há uma identidade maior entre elas e os personagens escolhidos. Merlo-Flores (op. cit), em seus estudos, cita a necessidade de focar o problema da TV em dois níveis que se sobrepõem e são simultâneos: “um nível geral mais inclusivo(...) relativo ao conteúdo do discurso e aos assuntos que a televisão introduz no debate público, na sociedade e na nossa vida diária” (p.188) e outro no qual “os conteúdos do programa agem como mecanismos compensatórios que se manifestam quando há algum tipo de deficiência – individual ou social” (p.188). No primeiro nível, as crianças e jovens extraem da televisão formas de expressão, modos de vestir, temas sociais, formando uma subcultura. A televisão passa a ser uma referência entre as crianças e jovens e aqueles que não conseguem acompanhar os programas da televisão acabam sendo excluídos das conversas. Segundo ela, é fácil observar as influências da televisão nos processos de socialização das crianças como nas brincadeiras, conversas, cenas de afeição e a agressão aparecem como o ato mais repetitivo. No segundo nível, “os conteúdos dos programas agem como mecanismos compensatórios que se manifestam quando há algum

tipo de deficiência — individual ou social” (p.188). A autora descreve aprendizagem por imitação e identificação como um processo seqüencial, como se houvesse uma sucessão de dois estágios: “primeiro a imitação e depois a identificação. No início ela é feita através da imitação; ao se deparar com necessidades mais profundas, ocorre a identificação” p. 205. A autora cita a identificação como um processo seletivo, que

responde a necessidades pessoais profundas e, portanto, pode-se inferir que a influência aconteça mais em um nível individual. Emoções, necessidades básicas de afeição são satisfeitas, sonhando-se acordado na frente da televisão (p. 204).

Quando a criança se identifica com o personagem da televisão, ela expressa um desejo de ser como ele, no presente e no futuro. Esses personagens são tomados como modelos de vida. Há aqui o “nível da internalização, pois a identificação responde às características de personalidade mais profundas do indivíduo” (p.194), sem se esquecer que é através das identificações sucessivas que a personalidade vai gradualmente se formando. A criança que já é agressiva escolhe seus personagens por seus aspectos agressivos, enquanto outras preferem outras características de comportamento.

O estado motivacional do telespectador, tais como frustração ou raiva, pode também tornar o menino ou a menina especialmente inclinado(a) a imitar a violência vista (Huston-Stein & Friedrich, 1975). Segundo os relatos de Singer (1980), crianças predispostas a se comportarem agressivamente e que vêem cenas de agressão agem agressivamente mais tarde, mas suas predisposições agressivas podem determinar também suas preferências ao assistir televisão. Estaria então a agressividade na índole do ser humano?

De acordo com Groebel (2000), a agressão sempre exerceu um fascínio sobre o homem, o que não significa que esse comportamento destrutivo seja inato. Porém, ele chama a atenção para o fato de ser um dos fenômenos da vida humana que ainda requer explicações e exige reflexões sobre como enfrentá-lo quando surge. A grande maioria dos estudos em todo o mundo relata que os homens são mais atraídos pela violência do que as mulheres. Levando-se em conta as suposições de que há uma influência de predisposições biológicas e a socialização de papéis sexuais deixa entender que os homens experimentam a agressão como recompensadora. Ao longo do desenvolvimento da espécie humana, a agressão masculina seria explicada como uma forma de sobrevivência da espécie, afastando inimigos e adversários para a proteção do grupo. Esse tipo de agressão seria então denominado de agressão “funcional”. Porém, fica sem explicação agressões do tipo “destrutivas”, o genocídio, a tortura hedonística, a humilhação, que não contribuem em

termos de sobrevivência. São elas que a mídia tem contemplado nas suas produções. Segundo ele, o homem acaba tendo um fascínio maior pela violência na mídia. Um fascínio que tem a ver com a excitação fisiológica, prende a atenção do telespectador, causando excitações. As cenas de violência, em geral, são cenas de ações relacionadas a personagens fortes — heróis — que são capazes de controlar seus ambientes e que, no final, ainda conseguem ser recompensados por suas agressões. A agressão é tida como um bom meio de resolver conflitos, dá *status* e é divertida. “Serve a duas necessidades: como compensação das deficiências de um indivíduo e como ponto de referência para seu comportamento” (p.236). O autor observa, ainda, que alguns estudos estabelecem uma relação entre a violência na mídia e comportamento de pessoas que já são agressivas; elas simplesmente utilizariam o conteúdo da mídia para justificar suas crenças e atitudes agressivas.

Evra (1994), evidencia que crianças de 2 a 3 anos de idade ficam mais angustiadas pelos gritos e gemidos dos personagens do que pelas cenas de perseguição ou tiros vistos pela televisão. Presumivelmente, porque tais argumentos verbais altos ou inesperados, podem causar uma impressão muito próxima às do seu ambiente, e por terem menos de 4 anos de idade, elas não conseguem lidar com esse tipo de ansiedade. Um dos perigos para as crianças que estão na pré-escola ou crianças com idade entre 4 (quatro) a 6 (seis) anos, é sua falta de habilidade para relacionar ações, motivos e conseqüências. Elas podem simplesmente imitar as ações que vêem. A pesquisa aponta ainda que crianças com menos de sete, oito anos de idade têm mais dificuldade de distinguir a realidade da fantasia, daí elas imitarem os super-heróis.

Em um estudo sobre as reações à programação infantil entre crianças de 6 — 9 anos no Reino Unido, feito pela Dr<sup>a</sup>. Anne Shepherd, da Universidade de Leeds, sugeriu que as crianças eram capazes de identificar os personagens “bons” e os “maus” dos programas de TV, mas acabavam ficando em dúvida quanto ao enredo principal e a tendência deles era resolver suas próprias histórias com base nos indícios oferecidos pelos programas. Mais tarde, descobriu-se que só quando as crianças estavam entre os 8 e 9 anos de idade é que elas passavam a ter uma visão mais complexa da realidade na TV ( Jempson, M, 1998).



## **Violência na TV: efeitos transitórios ou síndromes?**

Muitos são os fatores que contribuem para a violência na sociedade, mas ignorar a violência na TV seria um grave descuido. Estudos mostram que a violência está presente em quase todos os tipos de programas, desde os de entretenimentos, documentários, shows, telejornais, videoclipes, programas transmitidos simultaneamente como as partidas de futebol ou *realit-shows*. Será que os impactos da violência são os mesmos para todas as crianças?

Wartella, E, Olivarez, A, Jennings (2000), comentam que uma criança norte-americana comum terá visto mais de 8 mil assassinatos e mais de 100 mil outros atos de violência ao concluir o primeiro grau, apontam também uma relação entre a exposição na mídia e o comportamento agressivo. Para Staub, E (1991), a agressão, no senso verdadeiro, é o comportamento mesquinho para prejudicar os outros. Rowell Huesmann (apud Wartella et al, 2000) afirmou que “a agressão é uma síndrome, um padrão permanente de comportamento que pode persistir por toda a infância e chegar à idade adulta” (p. 62).

Segundo Wartella et al, (2000), o maior número de trabalhos científicos sobre a violência na televisão está concentrado nos EUA, onde, nos últimos 40 anos, mais de 3500 estudos foram realizados. O relatório dos Centros para Controle de Doenças — 1991 — declarou que a violência na TV é um mal para a saúde pública. A Academia Nacional de Ciências — 1993 — relatou que a mídia, juntamente com outros fatores sociais e psicológicos, contribuiu para a violência. A Associação Psicológica Norte-Americana — 1992 — comprometeu a violência na mídia, “não há nenhuma dúvida de que aqueles que vêem muito essa violência demonstram maior aceitação de atitudes agressivas e mais comportamento agressivo” (p.65). A partir da análise desses três grandes grupos de pesquisadores, concluiu-se “que a mídia de massa contribui para o comportamento e atitudes agressivas, assim como conduz a efeitos de dessensibilização e medo” (p. 64). Resguardam, no entanto, que ver a violência na mídia não é o único ou mesmo o mais importante fator que contribui para o comportamento violento do indivíduo, pois nem todos, crianças, jovens ou adultos, são afetados da mesma maneira. Os estudos deixam “clara a evidência de que a exposição à violência na mídia contribui de forma significativa para a violência no mundo real” (p.64). Consideram que os efeitos mais importantes de ver violência na mídia, observando de forma especial as crianças, como: “o efeito da aprendizagem social; o efeito da dessensibilização e o efeito do medo” (p.64). Estudos

reportam “a teoria da aprendizagem social” aos estudos realizados na década de 1960 por Albert Bandura, que afirma:

observando os modelos da televisão, os espectadores aprendem quais comportamentos são apropriados; isto é quais comportamentos serão recompensados e quais serão punidos. Assim sendo, eles buscam obter recompensas e, portanto, querem imitar esses modelos da mídia. (p.65).

As pesquisas relatam que a criança aprende a agressão desde pequena, mas à medida que ela cresce, fica menos vulnerável a esse tipo de aprendizagem.

“A teoria dos efeitos preparatórios” (Berkowitz et al, 1984, apud Wartella et al, 2000). Esses autores afirmam “que muitos efeitos da mídia são imediatos, transitórios e passageiros” (p. 65). Deixa entender que quando as pessoas vêem violência na televisão e se identificam com o ator, podem se imaginar em seus papéis, agindo agressivamente como seus personagens na TV, e

a evidência sugere que a exposição à agressão na mídia realmente “prepara” outros pensamentos, avaliações e mesmo comportamentos agressivos, visto que os espectadores de violência relatam uma maior disposição para usá-la em situações interpessoais. (p.66).

Huesmann (1986) (op.cit), usando a “teoria da cognição social”, desenvolve um elaborado mapa cognitivo ou modelo de *script*. Ele afirma que o comportamento social é controlado por “programas” ou *script* de comportamentos estabelecidos durante a infância e que eles “são armazenados na memória e usados como guias para o comportamento social e a resolução de problemas” (p.66). Huesmann e Miller (1994) (op.cit) alegam que “um *script* sugere quais eventos devem acontecer no ambiente, como a pessoa deve se comportar em resposta a esses eventos e qual é o resultado provável desses comportamentos” (p.66). A violência vista pela televisão seria então codificada na mente da criança, e o fato de ver constantemente atos de violência pela TV, ajudaria a manter esses pensamentos, idéias e comportamentos agressivos. Ao observar a violência, as crianças podem desenvolver *scripts* agressivos para futuros comportamentos ou o fato de ver violência pode detonar a memória para *scripts* já estabelecidos. De acordo com o autor, ver muita violência na TV

desencadeia uma seqüência de processos, com base nesses fatores pessoais e interpessoais, que resulta no fato de muitos espectadores não só se tornarem mais violentos, mas também desenvolverem maior interesse em ver mais violência na televisão. (p.66).

A rejeição e baixa satisfação dos pais têm sido associadas com altos níveis de agressão. Na verdade, em todos os países, na comparação trans-cultural de Huesmann (1986), a rejeição estava relacionada significativamente à agressão infantil e era fator previsível de comportamento agressivo mais adiante. Segundo Groebel (2000), “os padrões e percepções de comportamento agressivo pelas crianças constituem um espelho do que vivenciam em seu ambiente real: frustração, agressão, circunstâncias problemáticas” (p. 235). Aprovação ou desaprovação prévia do comportamento pelos pais pode ser fator crucial se a criança imita depois de ver violência na televisão (Messaris, 1986 apud Evra 1990).

Outros fatores considerados por Groebel (2000) são as situações nas quais algumas crianças vivem, moram em áreas de alta agressão, ou seja, áreas de grandes problemas, onde elas não apenas vivenciam mais comportamentos agressivos como também são emocional e cognitivamente afetadas: mais violência hedonística, mais ansiedade e uma visão de mundo mais pessimista, que sustentam a visão de violência como natural.

Estudos identificaram, também, dois outros efeitos a serem considerados na relação violência/televisão: dessensibilização e medo. Esses efeitos podem influenciar tanto os telespectadores que se comportam de forma violenta quanto aqueles que apresentam atitudes positivas em relação ao uso da violência. Os estudos de Gerbner (et al, 1986, apud Wartella et al, 2000) demonstram que

as pessoas que vêem muita violência na televisão ficam com medo do mundo, com medo de se tornar vítimas da violência e, com o tempo, adotam comportamentos mais autoprotetores e mostram desconfiança em relação aos outros. (p. 68).

Sócio-biologistas, como Staub, E (1991) e, particularmente, Wilson (1978), discutem e examinam as possibilidades do comportamento agressivo estar “abaixo” das condições ambientais e “acima” da cultura; há sugestões do comportamento agressivo ser uma parte da constituição genética humana. Citam também que a probabilidade da agressão pode aumentar como uma resposta, quando há ameaça de sobrevivência e reprodução. Entretanto, cultura e personalidade individual envolvem, através da socialização e experiência, um efeito forte, aumentando ou diminuindo a probabilidade da agressão e do altruísmo. Entendendo por altruísmo: “comportamento destinado a socorrer outra pessoa sem nenhum outro propósito, mas para melhorar seu bem estar e trazer- lhe benefícios” (p.136).

## **Violência na TV: educação**

Os canais abertos vistos pela grande maioria das crianças de todos os níveis sócio-econômicos têm apresentado, ao longo de suas programações diurnas, vespertinas e noturnas muitas cenas de violência. Elas estão presentes nos programas de auditório, filmes, desenhos animados, telejornais, transmissões ao vivo de lutas, jogos de futebol, dentre outros. Tendo em vista que o tempo de permanência dos pais dentro de casa é cada vez menor, seja por causa do trabalho, estudo ou outros compromissos; que as crianças estão indo mais tarde para a cama; que a TV disponibiliza uma intensa programação noturna; pode-se concluir que as crianças ficam expostas por um período maior às mensagens da televisão, incluindo aqui aquelas ditas violentas. Uma realidade na qual pais ou educadores titubeiam em diagnosticar quais programas seriam recomendados e quais seriam os considerados violentos. Dúvidas que, para muitos, ficam sem respostas. Quais seriam os impactos das cenas de violência, que procedimentos adotar para minimizar e ou neutralizar seus efeitos junto às crianças?

Os impactos da violência da mídia, de modo especial da televisão sobre as crianças, têm sido objeto de preocupação para muitos pesquisadores em todo o mundo. Uma das alternativas viáveis é a educação em mídia, pois ela tem se apresentado com uma das soluções para enfrentar o problema da violência nos meios de comunicação. Através da educação, crianças e jovens podem aprender a lidar de forma reflexiva com a mídia. Porém, muitos são os obstáculos para a universalização desse trabalho. Apesar do fato de a educação para a mídia ter sido incluída no currículo de muitos países e da importância que se tem dado a esse tipo de conhecimento — ser enfatizada em relatórios governamentais nacionais, regionais e internacionais e em outros contextos — muito poucas crianças acabam tendo acesso a um tipo de educação (Feilitzen, 2000).

Uma pesquisa norte-americana feita com 850 crianças e jovens de 11 a 16 anos revelou que 61% dos entrevistados disseram que quando vêem notícias referentes a crianças estão envolvidas com crimes, drogas ou violência. Retratar as crianças de forma negativa nas notícias pode não apenas afetar os assuntos a serem discutidos, mas, também, distorcer as percepções de crianças e jovens sobre outros da sua idade (Kunkel & Smith, 1998). Abordagens que precisam ser modificadas, pois um outro campo de envolvimento que tem se revelado na busca de soluções para o problema de violência na mídia são aqueles que trabalham diretamente com ela. Jempson, M (1998) alerta para a importância desses,

alegando que eles “têm um papel vital na mobilização social relativa aos direitos da criança. Eles podem estar primariamente envolvidos como repórteres das ações e omissões de outros, mas são, contudo, catalizadores” (p.128).

De acordo com Feilitzen (2000), é necessário que se promovam amplas discussões envolvendo a criança e a mídia e que essas discussões focalizem, também, os aspectos negativos dessa mídia sobre as crianças. Como, por exemplo, limitar a violência gratuita na mídia, encorajando as emissoras a imporem a auto-regulamentação, bem como regulações e medidas que incluíam a definição de horários antes dos quais não seria transmitida programação com conteúdo de violência; mecanismos que informassem aos telespectadores, através de ícones, como já há em alguns países sobre a indicação, faixa etária e qual o conteúdo do programa.

Algumas medidas já são adotadas pelas autoridades norte-americanas, com o objetivo de proteger as crianças da exposição de violência pela televisão. Wartella E, Olivarez, A & Jennings (2000) citam: a criação de regulamentos na forma de *V-chip* ou dispositivo de bloqueio para a TV; sistemas de classificação para toda a programação, permitindo ao telespectador fazer uso do *V-chip*, caso conteúdos indesejáveis ou portadores de violência apareçam na tela. Resta a importância de se promover, também, discussões das possibilidades positivas da mídia, como, por exemplo: trabalhar pela participação da criança na mídia; compreender os direitos de todas as crianças ao acesso a mídia, intercâmbio de programas entre os países através de bancos especiais de programas. Segundo Feilitzen (2000),

a criança deve ser ativamente incluída na produção real da mídia, algo que também significará uma plataforma melhor para as vozes e opiniões infantis e uma representação mais justa das crianças na mídia. (p. 57).

Já existem muitas iniciativas que promovem os direitos das crianças, como: as atividades de mídia para as crianças elaboradas pela UNICEF; a agência de notícias Expresso das Crianças, no Reino Unido e EUA; a participação das crianças e jovens na produção de rádio, televisão e vídeo, bem como na Internet, em uma série de países da África, Ásia, Europa, América Latina e América do Norte.

No momento em que se institui o Sistema Brasileiro de Televisão Digital — SBTVD, através do Decreto nº 4.901 de 26/11/03, novas perspectivas se vislumbram para a televisão e o seu uso, agora mais abrangentes e sedutores. Angustiamo-nos pela

consciência de não poder desconhecê-la, por não ter a televisão que gostaríamos e, ainda, pelos enormes limites que temos em fazê-la parceira da educação na escola. Carneiro (2001) denuncia: não há como ignorá-la; ela é consumida diariamente por crianças, adolescentes e para os adultos é fonte de lazer.

Do processo de ensino e de aprendizagem entendido como comunicação, diálogo, interação, construção de conhecimentos, chegou o momento de encerrar o julgamento e assumir que há uma cultura televisual estruturada por dinâmicas comerciais que proporciona aos jovens informações, valores, saberes, padrões de consumo. É preciso conhecê-la, analisá-la criticamente e responsabilizar-se por estabelecer situações de comunicação entre gerações e entre culturas, A educação deve abrir-se para o mundo da televisão, tomá-la como objeto de estudo, conhecê-la, incorporá-la ao contexto pedagógico. Deve-se estudar a relação educação e televisão de perspectivas diferentes e complementares: a) educação para uso seletivo da TV; b) educação com a TV; c) educação pela TV. (Carneiro, 2001, p.7).

Os Parâmetros Nacionais de Educação já não a desconhecem, buscam esforços para entendê-la e incorporá-la ao processo ensino-aprendizagem. No entanto, é preciso urgência nas ações, pois, de acordo com Martín-Barbero (1998)

as massas latino-americanas estão se incorporando à modernidade não através do livro, mas a partir dos discursos e das narrativas, dos conhecimentos e da linguagem, da indústria e da experiência do audiovisual. (p.17).

## **Conclusão**

Ao reconhecermos a televisão como o eletrodoméstico de maior prestígio nos lares com energia elétrica em todo o mundo, que está entre as distrações preferidas das crianças, que é, também, o meio de veiculação de violência com maior audiência; é preciso considerar que ela, fazendo parte do ambiente, associada a outros fatores, está exercendo forte influência nos processos de socialização da agressividade entre as crianças. Essas evidências, no entanto, em diferentes escalas, têm chamado a atenção de pesquisadores das diferentes partes do mundo, pois associar o prazer de ver televisão e a promoção do ser humano, alimentam as expectativas de muitos estudiosos. O desafio aí está: analisar criticamente a televisão e fazer dela parceira na promoção de comportamentos altruísticos e pró-sociais. Se já não temos mais a opção de retirar o controle remoto das mãos das

crianças, devemos assumir que a criança e a violência na televisão é uma questão que precisa ser discutida por todos aqueles que se preocupam com o bem-estar infantil.

### Referências bibliográficas

ANDERSEN, Neil, DUNCAN, Barry, PUNGENTE, Jonh. Educação para a mídia no Canadá – a segunda primavera. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a mídia: imagem, educação, participação*. Brasília: Brasília: UNESCO, 2002, p.159-178.

CARNEIRO, Vânia L. Televisão, vídeo e interatividade em educação à distância: aproximação com o receptor-aprendiz. In: FIORENTINI, Leda, MORAES, Raquel (Orgs.). *Linguagens e interatividade na educação à distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p.75-110.

\_\_\_\_\_. Integração da TV na prática, na formação do professor: desejos, propostas, desconfianças, aprendizados. In: Reunião Anual da Anped, 26, 2003, Poços de Caldas, *Anais...* GT16. Goiânia, Vieira, 2003.p.11-34.

\_\_\_\_\_. TV/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções. In:FIORENTINI, Leda M. R.; CARNEIRO, Vânia L. Q. (coords) *TV na escola e os desafios de hoje: usos de TV/vídeo na escola*. Brasília: UnB, 2001.

EVRA, J.V. Television and social behavior. In: J.V.Evra.*Television and chid developmen*. Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates, 1990. p.79-99.

FERRÉS, J. *Televisão e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas,1996.

FREITAS, Maria Tereza A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. São Paulo: Papirus,1994.

GROEBEL, J. O estudo global da UNESCO sobre violência na mídia. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Ogs.). *A Criança e a violência na mídia*. 2.ed.Brasília:UNESCO, 2000. p.217-239.

\_\_\_\_\_. Acesso à mídia e uso da mídia entre as crianças de 12 anos no mundo. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a mídia: imagem, educação, participação*.Brasília: UNESCO, 2002, p.69-87.

JEMPSON, Myke. Algumas idéias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a mídia: imagem, educação, participação*. Brasília: UNESCO, 2002, p.119-138.

KRITT, D. The mass madia as a symbolic context for socioemotional development. In: WINEGAR, T, VALSINER, J. *Children's development within social context*. eds. Hillsdale, NJ Lawrence Earlbaum. 1992. v.1.

KUNKEL, Dale, SHIMTH, Stacy L. A Representação das crianças na mídia noticiosa dos Estados Unidos. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a mídia: imagem, educação, participação*. Brasília: UNESCO, 2002, p.89-97.

LOIRAS em apuros: as apresentadoras infantis já não sabem mais direito qual é o seu público. *VEJA*, São Paulo, v.36, n.46, p.110-111, nov. 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Novos Regimes visualidade e descentralizações culturais*. Mediatemente! Televisão, cultura e educação. Brasília: MEC,1999.

MERLO-FLORES, Tatiana. Por que assistimos à violência na televisão? Pesquisa de campo argentino. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a violência na mídia*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2000, p.187-215.

O RETRATO do Brasil que avança: estudos do IBGE mostram que investimento na área social mudaram os indicadores do país. *VEJA*. São Paulo: v.36, n. 41, p.104-105, out. 2003.

STAUB, Ervin. A conception of the determinants and development of altruism and aggression: motives, the self, and the environment. In: WAXLER, Zahan, CUMMINGS, E.M, LONNOTTI, R. *Altruism and aggression: biological and social origins*. Eds:Cambridge, UK, Cambridge University Press.1991. p.135-164.

VYGOTSKY, L. The problem of the environment. In: VAN DER DEER, R, VALSINER, J. *The Vygotsky reader*. Eds: Oxford, UK Basil Blackwell Ltda. 1994, p.338-354.

WARTELLA, Ellen, OLIVAREZ, Adriana, JENNINGS, Nancy. Acriança e a violência na televisão nos EUA. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a violência na mídia*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2000. p.61-70.

WILSON, Bárbara J., et al. A Natureza e o contexto da violência na televisão americana. In: CARLSSON, Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (Orgs.). *A Criança e a violência na mídia*. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2000, p. 71-91.